

A LITERATURA BRASILEIRA nos CONCURSOS VESTIBULARES: problemas de avaliação

Amauri M. T. Sanchez •

1. Considerações gerais sobre literatura e comportamento.

Sempre vale lembrar que a literatura e as demais artes ganham corpo com a abordagem e o desenvolvimento da arquitetura de conflitos, para cuja perspectiva de tratamento a palavra escrita não conhece limitação. Cada obra, de alguma maneira, desmembra mazelas, angústias, impasses (e, eventualmente, conquistas e realizações) em que estão mergulhados a sociedade de um tempo, um povo, um homem.

É válido, então, pensar a criação literária como arte que enforma um sistema crítico abrangentemente voltado para a realidade. Dis_{simulado} pela elaboração formal, que é a via de sedução do leitor, a ela subjaz a intenção de aproximar o público dos problemas com que o texto se ocupa.

Repetindo o que já se afirmou incontáveis vezes, a literatura é modo de percepção tão poderoso quanto qualquer outro, e que ensêja, portanto, enfoque mais¹ lúcido do mundo e do eu; abre caminho a refle-

* Da Universidade de São Paulo.

xões sucessivas sobre as coisas, sociedades e indivíduos, induzindo o estudante à preocupação com dificuldades reais, processo que torna o conhecimento da obra literária muito mais que cultura alfarrabística.

Por menos que um leitor se disponha a considerar um texto, alguma transformação o trata mais íntimo com os livros sempre fará que nele se opere, e as inquietações geradas pela literatura constituirão, pelo menos, o início de uma utensiliagem geradora de dinâmica existencial, que tem origem no indivíduo, mas cuja ressonância termina por reverberar na sociedade e no tempo.

Ainda decorrente da possibilidade de uma obra facultar melhor entendimento do mundo, o leitor, quanto mais atento, terá acrescidas possibilidades de integração comunitária, já que talha caminhos, a cada momento mais sutis, em direção ao entendimento do outro e de si mesmo.

Finalmente, vale lembrar a idéia, também já tanto repetida, de que a literatura é realidade por acréscimo, que diversifica a experiência individual, que encontra o homem com incontáveis existências, para além daquela a que sua realidade pessoal o restringe.

2. Objetivos comportamentais que o ensino da literatura pode pretender alcançar.

Em decorrência do que se expôs, acreditamos que o ensino da literatura a nível de segundo grau pode pretender alcançar um conjunto de objetivos significativamente amplo.

Já que essa arte inspira uma dinâmica por tudo complexa e rica, e que o contato com a criação artística não leva a outra coisa se não à maior aproximação com a vida, resultaria positivo que o aluno desenvolvesse afeição pelo fenômeno literário, que aprendesse a gostar dos textos de ficção, que efetivamente incorporasse o hábito de ler.

À medida que isso ocorre vem, corolária, a necessidade de entender sempre, e mais, os textos a sua disposição. A faculdade de fazer a leitura vertical de uma obra desborda no exercício daquela capacidade crítica e extrapola o próprio âmbito da literatura. É desejá-

vel, então, que tal postura avaliadora, mais avisada, volte-se para todas as direções do saber e se transmude em questionamento sistemático da situação das coisas que compõem o universo do educando, continuamente alargado pela leitura metódica. Desnecessário alongarmos estas considerações sobre a força real que a literatura exerce, modificando as diversas sociedades em que é criada.

Relativamente ao desenvolvimento pessoal, ainda relaciona-se ao encarecimento da afeição pela literatura, o amadurecimento intelectual e emocional, por sua vez agentes de simultâneo refinamento estético. Nutrindo a sensibilidade do aluno, reiteramos, a literatura pluraliza sua capacidade de apreensão, mesmo que intuitiva, da realidade.

O estudo dessa arte pode, em outra direção, permear a sensibilidade do adolescente de maneira a fazer que aceite e compreenda novos experimentos estéticos e sobre eles estabeleça juízo. Que recolha do passado literário as valiosíssimas e efetivas contribuições. Que saiba ver a tradição histórica como matriz destes fenômenos artísticos que hoje acontecem. Mas que, como par disso, consiga discernir a importância renovadora das criações de vanguarda.

Um estudo aconselhado por objetivos mais amplos pode ainda induzir o estudante à apreciação de todos os gêneros de que a literatura dispõe. Se é necessário, por um lado, que o aluno, já no segundo grau, venha a criar um padrão de preferências que descarta o tempo em que a obra foi escrita, por outro, deve estar instrumentado para reconhecer que há grandes criações ao nível de qualquer forma literária.

E, também, interessa ao ensino da literatura que o educando — não importa seu grau de afeição por uma obra específica — reconheça-lhe o maior ou menor valor, como evento artístico, social, cultural; isto é, considere as qualidades transcendentais à preferência pessoal (como exemplo, poderíamos lembrar que o aluno nem sempre encontra com prazer as obras do período colonial brasileiro, e que rejeitará sumariamente essa época se não for capaz de perceber que é ela formadora de textos dos quais hoje eventualmente gosta).

O educando com menos experiência de leitura tende a ver uma obra como fenômeno isolado, desvinculado de qualquer história e da dinâmica que se imbrica à criação. Tanto quanto possível, a visão mais

abrangente do fenômeno literário fará que entenda a criação artística como espelho e história de seu povo. O contato com textos de ficção abrirá caminho para que o leitor termine por descobrir-se como ser diferenciado e para que reconheça, os arquétipos da nacionalidade, que ganham caracterização sistemática nos escritos de seu país. O estudo da literatura é fundamental, especificamente para nós, já que induz, sobretudo em países de mentalidade colonizada, ao reconhecimento da própria nacionalidade, cuja verdadeira feição, por forças externas, por fatores de circunstância interna, se vê continuamente mascarada e/ou escamoteada.

Outro aspecto positivo da aprendizagem da literatura refere-se ao fato de que, à força de perceber dialeticamente a realidade, de desmembrá-la em conjuntos menores, mas orgânicos, o aluno saberá exprimir-se melhor, oralmente, verbalmente. É também chavão o enunciado que afirma ser a leitura sensibilizadora da capacidade de expressão.

Não podemos, ainda, deixar sem referência a idéia de que a literatura avia uma forma de lazer em absoluto negligenciável e que é a pedra de toque para o desenvolvimento do gosto pela leitura. E se o lazer que a televisão, muita vez o cinema, e mesmo os escritos de nível menos considerável providenciam modos de alienação e fuga dos problemas mais significativos da existência, o prazer da leitura será um lazer mais consequente porque, consciente ou inconscientemente, acorda a ação e o compromisso integrador.

Em conclusão ao que até aqui ficou posto, e referindo mais especificamente o problema da avaliação em literatura, se excluirmos a apreciação de conhecimento específico de sua história, serão inteligência, sensibilidade e refinamento estético os objetos mais significativos que constituem o substrato da aferição. É óbvio que uma prova de literatura absolutamente não esgota limites em um teste de inteligência; pode vir a constituir-se em instrumento eficiente no sentido de desvelar uma maneira de saber de que forma literatura e inteligência, literatura e sensibilidade, literatura e refinamento estético articulam-se no educando; isto é, trata-se de verificar até que ponto — no momento em que se está aplicando a medida — a literatura consustanciou uma individualidade, até que remates depurou cada ser.

Se situarmos idealmente o problema do ensino da matéria no âmbito do segundo grau, resultará a proposição de que esse momento da escolaridade é capaz de sistematizar o fenômeno literário em vários níveis.

Em se tratando da história da literatura, por exemplo, o aluno que concluísse essa etapa de estudos teria tido tempo suficiente para substanciar o conhecimento do panorama literário e da trajetória que a literatura percorreu em seu país. Há tempo, aí, para que suas informações ultrapassem o estágio do levantamento arqueológico e reorganizem-se de tal forma que o estudante possa ver, ao longo da história, os componentes todos de um sistema dinamizado, "orgânico", em que se articulam, a um tempo, autor, obra e público, como ensina Antônio Cândido¹, formadores de uma tradição geradora de estímulos para criações novas; para o aluno, a importância do fato literário isolado. contextualiza-se se nele for estimulada a capacidade de estabelecer a relação do pormenor com o conjunto, do "estático" com o "dinâmico": se conseguir ver, por exemplo, que cada movimento estético, decorrente do que lhe precedeu, vem a acionar aquele que lhe sucede.

Sobre a biografia dos autores, a que se tem dado valor de bibliotecária intrusiva, os fatos que auxiliam a contextualização das obras que escreveram, os sucedimentos que nos ajudam a compreender os textos que legaram, uma biografia viva, rendem serviço a objetivos educacionais mais amplos.

Como a história literária é uma teoria dos textos escritos, constituintes, estes sim, da origem primeira de todo o processo que aqui buscamos relatar, o segundo grau oferece a bela oportunidade de reinversão do enfoque da matéria como, acreditamos, até aqui tem sido o escolhido. Se a literatura é, para o aluno médio, uma "disciplina a mais", não há dúvida de que ele assim a sente porque a associa a formulações teóricas que, transcendendo a própria criação, são percebidas como linguagem empoeiradora, a cobrir o objeto real do estudo, para a linguagem do fascínio que apenas alguns poucos conseguirão desoterrar.

¹ CÂNDIDO, Antônio. "O Escritor e o Público". In: Literatura e Sociedade. São Paulo, Companhia Editora Nacional [1967].

Ora, sabemos que há necessidade de que ao educando seja dada não a possibilidade de contato mediado com os textos, mas a de leitura efetiva; esta atividade tem de ocupar espaço imbanível ao longo de todo o primeiro e segundo graus. Que as mediações ocorram no momento em que o professor precisa instrumentar as classes para a manipulação de conceitos teóricos e de elementos que dão acesso à análise e à interpretação, movedores da capacidade de penetrar a funcionalidade dos componentes dos textos de ficção.

Dessa forma será possível perceber o conjunto incircunscritível de conotações disseminado em cada realização literária, e o aluno estará investido da competência de decodificar a visão do mundo que as obras enformam. Que entenda a obra dentro do tempo em que foi concebida e as implicações futuras de sua criação; em suma, qual o papel social da literatura e de que maneira é inspiradora dos valores que bem podem ser os constituintes das inquietações presentes em cada leitor.

3. O ensino da literatura no segundo grau.

O ensino da literatura no Brasil ressent-se, entre outros problemas, das conseqüências de uma situação sócio-política específica, que diligentemente empobrece a formação dos professores dessa matéria.

Frequêntadores de cursos universitários de nível nem sempre elevado (já que os professores desses professores padeceram as circunstâncias de situação idêntica); tendo, muitos deles, aulas à noite e dificuldades econômicas para adquirir as bibliografias indicadas (ressalte-se, paralelamente, a precariedade de nossas bibliotecas, quando não a inexistência desses estabelecimentos), os alunos das faculdades de letras podem, com esforço, transformar-se em repetidores de conceitos emitidos pelos nossos historiadores da literatura, das divisões e cronologia por eles expostas e, mais raramente, dedicar-se à análise e interpretação dos textos de autores e obras, mesmo dos mais significativos. Tarefa que é, sem dúvida, a mais complexa e exigente, e de cujo domínio os cursos universitários, acreditamos, raramente conseguem dotar os discentes.

Esta situação é um dos elementos contribuintes mais eficazes para o que Haroldo de Campos² denomina de "opinião média" sobre literatura: opinião que classifica obras e autores nem sempre da maneira mais adequada, emprestando relevo àqueles criadores e textos que considera os mais representativos e que muito raramente admite qualquer retroversão na ordem das constelações literárias já afirmadas.

À falta de possibilidade de realizarem pesquisas, de tempo físico para um maior volume de leituras (já que a remuneração do docente brasileiro é ínfima), o professor de literatura, no Brasil, limita-se, quando muito, a coser informações que recebeu de terceiros, originárias quase sempre das bibliografias, e se vê impossibilitado de conceber uma visão própria, pessoal, do processo literário. Sem dúvida, essa circunstância o impedirá de desenvolver junto a seus alunos análise e interpretação de textos, à exceção daqueles sobre os quais os manuais à disposição se têm debruçado. Muito provavelmente terá ele tempo mínimo (ou mesmo nenhum) para dedicar-se à atualização de conhecimentos ou à prática de técnicas diversificadas de abordagem de textos (que, diga-se de passagem, têm sido criadas e repensadas com ênfase particular nos últimos decênios).

Dessa forma, acreditamos que o ensino da literatura, no Brasil, tem caráter predominantemente estático, em que se enfatizam, sobretudo,

1. o estudo da história da literatura, mas como acúmulo de fatos dispostos em uma ordem cronológica e não como sistema dinâmico que dá lugar à sua contínua atualização e renovação. No mais das vezes ficam apenas como elenco os movimentos estéticos que entre nós ocorreram; como o professor não tem, via de regra, suficientes conhecimentos de história, é provável que sejam deixadas à margem as condições específicas em que as estéticas (de caráter universal) se aclimataram no Brasil; isto é, não se dá ênfase à nossa maneira própria de realização, ao abasileiramento que receberam; fica de parte, pois, a sistemática por meio da qual constituíram um substrato que, passo a passo, foi determinante da expressão da nacionalidade. Fica perdido, enfim,

² CAMPOS, Haroldo de. "Poética sincrônica". In: A arte no horizonte do provável. São Paulo, Perspectiva, 1969.

o modo como se formou a tradição geradora de outras obras, de outros autores que pensaram à brasileira os problemas brasileiros.

Assim, ressaltados alguns aspectos mais evidentes, que se transformaram nos chavões literários (a exemplo do nacionalismo romântico, do regionalismo que reponta na década moderna de 30), nossa história literária, pelo menos a que decorre daquela visão estática, poderia ser a de qualquer outro país.

E perde-se de vista, com semelhante metodologia, aquilo a que nos referíamos como uma das mais importantes contribuições da nossa literatura: sua participação no processo formativo da nacionalidade.

2. o conhecimento de autores, mas valorizada a biografia de cada um deles, o nome das obras que criaram, a visão que os historiadores da literatura assentam sobre o que escreveram, e menos o contato direto com a criação.

3. o conhecimento de excertos de obras que, transcritos em antologias, mais lhes desfiguram a verdadeira feição (releve-se o fato de que a condição econômica do aluno médio brasileiro, não fossem apenas as mazelas já apontadas, não lhe permite a aquisição de bibliografia, mesmo se é indicada).

Do contato do estudante apenas com a antologia surge a impossibilidade de envolvimento emocional mais fundo com o texto, sobretudo quando se trata da leitura de romances ou de contos mais longos. É essa a situação que tão facilmente descamba na crença — tão comum entre nossos secundaristas — de que esse exercício não é mais que tarefa escolar; os textos transformam-se em amostragens, mas amostragens de coisa alguma, já que ficaram reduzidos a peças retóricas frias, meros exemplos de um contexto do qual o aluno não terá idéia mais clara, por que não a incorporou afetivamente. A antologia, via de regra, deixa margem apenas à abordagem técnica de situações atomizadas. E termina, acreditamos, por afastar o aluno da literatura.

Ainda com relação ao ensino da literatura no secundário é possível adiantar também que, já que não se permite aos professores, co-

mo dizíamos, o domínio efetivo de técnicas de análise de texto, parece, entre nós, prática comum a de solicitarem dos alunos (quando há a ocasião mais excepcional de terem estes acesso a um romance) tão somente resumos da obra; desestimula-se, dessa maneira, a discussão e a reflexão sobre o texto.

4. Metodologia dos exames desta Fundação.

Os exames de literatura aqui realizados abarcam, item por item, a matéria especificada nos programas fornecidos pelas universidades. E como, salvo raras exceções, referem-se a toda a literatura brasileira, sobretudo a partir do barroco, as tabelas de especificação, no mais das vezes apresentam os seguintes tópicos:

1. Barroco.
2. Arcadismo.
3. Romantismo.
4. Realismo.
5. Parnasianismo.
6. Naturalismo.
7. Simbolismo.
8. Pré-modernismo.
9. Primeira geração do modernismo.
10. Segunda geração do modernismo.
11. A literatura brasileira após 1945.

Em uma prova de cinquenta questões (em média, o que a constitui em se tratando do vestibular), reservam-se quinze itens para literatura brasileira.

Há razões específicas que justificam o procedimento. Nessa prova, oito questões referem-se à capacidade de compreensão de leitura (o que já é um meio passo para a verificação do desempenho em literatura); dois ou três itens medem capacidade de redigir; e trinta questões são dedicadas à aferição de língua portuguesa.

Poder-se-ia cogitar de uma disparidade entre o número de questões de língua e o de literatura. A defasagem, entretanto, é aparente (tangencialmente vale lembrar que as questões de literatura demandam

do candidato tempo maior para que chegue à resposta correta, já que a formulação desses itens é quase sempre, e por força dos conteúdos solicitados, mais longa que a das questões de língua).

Como a parte do exame referente à literatura compreende quinze questões para apenas onze itens especificados nos programas, dedica-se, via de regra, um número maior de perguntas a Romantismo (em que se questionam romance, teatro e poesia), já que o realismo aparece desmembrado nas tendências estéticas a ele paralelas (parnasianismo e naturalismo). Normalmente, opta-se pela inclusão de um item a mais sobre a segunda geração do modernismo (década de 30), não só por que é um momento particularmente fecundo de nossa literatura, mas também porque é dos instantes mais divulgados, e cuja produção mais provavelmente tenha sido objeto de leitura de um número razoável de candidatos.

5. Condições para a formulação de itens de literatura em face do ensino de segundo grau.

Tendo em mente o que apontávamos sobre a precariedade do ensino da literatura no segundo grau, colocam-se problemas difíceis de serem contornados quando se pensa na elaboração de testes de literatura, em especial quando se trata de formular questões para exames vestibulares.

A rigor, os tipos de itens que Purves³, por exemplo, classifica como os possíveis de serem aplicados, só fariam sentido se o ensino da literatura atingisse os objetivos que especificávamos anteriormente. Nossa realidade, contudo, é bem diversa e parece ainda longe de lograr o que se deseja.

Avulta, então, um impasse, em face do qual seria quase impossível cogitar da formulação de itens para essa matéria. Talhemos, entretanto, o problema por etapas.

³ PURVES, Alan C. — "Evaluation of learning in Literature". In: BLOOM, Benjamin S. ed. et alii. Handbook on Formative and Summative Evaluation of Student Learning. McGraw-Hill Book Company, New York, 1971.

5.1 - Itens de conhecimento.

Referentes a conhecimento, podem ser formuladas questões sobre obras específicas e sobre história da literatura.

Se o aluno médio brasileiro raramente tem acesso a textos de ficção, seria impensado elaborar questões sobre o conteúdo de obras sem se incorrer no risco de desclassificar um sem número de candidatos. Além disso, diga-se de passagem, um bom aluno não o deixa de ser porque não tenha lido D. Casmurro ou Vidas Secas. Pode ser que, por força de circunstância, conheça o restante da obra de Machado de Assis e de Graciliano Ramos. Acreditamos, pois, que as questões que verificam a leitura de obras devem ser evitadas, a não ser quando (e mesmo assim nossa reserva permanece, dadas as condições econômicas do aluno brasileiro e da carência de bibliotecas) os títulos sejam explicitados nos programas divulgados anteriormente à realização dos exames. Correlato a esse dado, mesmo a explicitação, muito comum em manuais de candidatos, de que serão feitas questões sobre "principais autores e obras", não autoriza tal tipo de perguntas. Não é lícito pressupor que o candidato egresso do segundo grau tenha tido tempo físico - e por que não disponibilidade ou maturidade suficiente - para ter lido, por exemplo, o mesmo D. Casmurro, Memórias póstumas de Brás Cubas, Quincas Borba e uma centena de contos de Machado de Assis, além de Vidas Secas, São Bernardo, Angústia, quase toda a obra de Guimarães Rosa, bem como Os Sertões, o romance urbano de Alencar etc.

Em síntese: é nossa opinião que semelhantes questões devem ser inteiramente excluídas de exames vestibulares.

Nada obsta, entretanto, a que se pergunte sobre fatos da história da literatura. É provavelmente o aspecto da matéria que os candidatos mais dominam. Esses itens devem, entretanto, aparecer em número suficiente para se verificar se o estudante domina a cronologia dos fatos e os principais eventos que geraram as obras em sua respectiva época de criação. Acreditamos que a história da literatura, tendo em vista o que dissemos sobre ela anteriormente, possa ser questionada quando se toma por base o dinamismo do sistema que a gera. E, a partir de então, estaremos em face da formulação de questões de análise e interpretação, de aplicação de conhecimento dos fatos

mais óbvios da literatura e não mais de conhecimento puro e simples. Isto é, mais valioso será o teste de conhecimento quanto mais envolver a aplicação desse conhecimento que pressupõe.

5.2 - Itens de aplicação, análise e interpretação.

Esse tipo de itens costuma pressupor, entre outras, as seguintes habilidades:

1. *paráfrase de partes ou capacidade de resumir um texto.*
2. *compreensão da estrutura de um texto.*
3. *compreensão da linguagem e do estilo.*
4. *compreensão dos procedimentos retóricos e literários.*
5. *compreensão dos meios pelos quais os procedimentos literários se entrelaçam e geram o significado e a forma de um trabalho.*
6. *capacidade de classificar em um texto:*
 - a) *o gênero a que pertence;*
 - b) *o período a que pertence (a corrente estética a que está ligado).*

Em vista de tudo o que expusemos, estaria drasticamente reduzida a possibilidade de sucesso da aplicação de itens de análise e interpretação a nossos alunos, a não ser que se lance mão de um expediente, que é suficiente para, pelo menos parcialmente, minimizar o problema. Esse procedimento não é outro senão o que inclui, na raiz da questão, elementos a partir dos quais, pelo exercício da inteligência e sensibilidade pessoal para a literatura, além, óbvio, de um respaldo mínimo de informação sobre os principais eventos de nossa história literária, o aluno obtenha dados que o remetem à resposta correta, e seja capaz de, no momento em que resolve a questão, mostrar sua potencialidade para um estudo mais aprofundado da literatura.

É possível a inserção dos elementos na raiz das questões das mais diferentes maneiras, dependendo dos aspectos da matéria que se queira questionar, ou da habilidade específica do candidato que se pretende verificar.

Seguem, a exemplo de tudo que vimos dizendo, algumas questões aplicadas em vestibulares, sucedidas, cada uma delas, de alguns comentários.

Instruções: O texto abaixo refere-se às questões de números 1 e 2.

Se Fabiano soubesse falar como *sinhá Terta*, procuraria serviço noutra fazenda, haveria de arranjar-se. Não sabia. Nas horas de aperto dava para gaguejar, embaraçava-se como um menino, coçava os cotovelos, aperreado. Por isso, esfolavam-no. (...).

Sobressaltava-se escutando-as (as palavras). Evidentemente são serviam para encobrir ladroeiras. Mas eram bonitas. Às vezes decorava algumas e empregava-as fora de propósito. Depois esquecia-as. Para que um pobre da laia dele usar conversa de gente rica?

1. Segundo o texto:

- (A) Em face da dificuldade de falar corretamente, Fabiano mantém a crença de que cada indivíduo deve ser valorizado por aquilo que faz e não pelas coisas que diz.
- * (B) A impossibilidade de articular desenvoltamente a linguagem conduz Fabiano à sensação de impotência diante das dificuldades por que se vê envolvido.
- (C) O mundo, para Fabiano, só é passível de domínio e de conserto através de uma perfeita desenvoltura de linguagem que os homens venham a adquirir.
- (D) O mundo, para Fabiano, seria um todo harmônico se as pessoas se dispusessem a um diálogo maior e mais aberto, em que todos tivessem oportunidade de se manifestar.
- (E) A impossibilidade de falar conduz Fabiano ao ódio pelas palavras e à sensação de que não passa de um garoto imatura, assustado com a impressão de que todos querem trazer-lhe alguma espécie de prejuízo.

A questão acima verifica um dos problemas mais importantes do romance VIDAS SECAS, de Graciliano Ramos, não apenas no que diz respeito à compreensão da personagem (a dificuldade, característica de Fabiano, de exprimir-se verbalmente em consequência da impossibilidade de compreender o mundo em que vive — gerada, de resto, pela sociedade que o conforma. Veja a alternativa correta: "A impossibilidade de

articular desenvoltamente a linguagem ...") mas à situação desse ser no mundo, o desprezo e o descaso que por ele a sociedade mantém e, ainda, a impotência em face de situação tão dolorosa: "... conduz Fabiano à sensação de impotência diante das dificuldades por que se vê envolvido."

A obrigatoriedade da leitura do romance constava, explicitamente, do programa divulgado pela universidade. Entretanto, como se vê, o texto reproduzido fornece ao candidato os subsídios para que rastreie a alternativa correta. Atente-se para os excertos: "Se Fabiano soubesse falar (...) haveria de arranjar-se. Não sabia. etc" e para a alternativa: "A impossibilidade de articular desenvoltamente a linguagem". Veja-se, ainda, na raiz: "Nas horas de aperto... Por isso, esfolavam-no.". Na alternativa: "... conduz Fabiano à sensação de impotência diante das dificuldades por que se vê envolvido."

Poder-se-ia, então, questionar que o aluno que fez a leitura da obra não está sendo diferenciado daquele que leu o texto. Perguntamos, diante disso, se não interessa mais à universidade um candidato (queremos sempre lembrar que a dúvida acima põe em evidência uma exceção, não a norma) que, com base em seu potencial, consegue efetivamente entender um texto e reorganizar teoricamente as idéias nele contidas (o que é feito pela alternativa), embora desconhecendo eventualmente o contexto em que tais idéias estão desenvolvidas, do que aquele candidato que, mesmo tendo se debruçado ainda que mais de uma vez sobre a obra, não conseguiu apreender suas propostas mais elementares.

Assim, não obstante o aluno tenha recebido formação deficiente, é possível arguí-lo sobre compreensão de leitura e verificar sua capacidade de interpretação do texto e do contexto de uma obra. É também possível, ainda que paralelamente, determinar sua capacidade de síntese e o que ele conhece sobre as características do período em questão (se sabe que Fabiano é personagem das VIDAS SECAS e que essa obra pertence a um momento literário de vigorosa contestação sócio-política, será capaz de extrapolar as informações e aplicá-las às idéias contidas na alternativa correta).

2, Com relação ao problema da linguagem posto pelo texto, podemos dizer que

- (A) Fabiano, na medida em que se sente fraco e desprotegido, reage à sua maneira, revidando, ainda que com palavras mal empregadas, às agressões verbais dos que o oprimem.
- (B) a linguagem, para Fabiano, é meio de desrecalcar as inúmeras frustrações por que passou: quanto mais puder dominá-la, mais livre estará dos fantasmas que o atormentam.
- * (C) Fabiano não nutre desconfiança com relação à linguagem em si; percebe-se nele um amor respeitoso e encantado pelas palavras, mas seu rancor advém das pessoas que utilizam as palavras a fim de concretizar ações gravosas.
- (D) o uso indiscriminado de palavras é índice da loucura que caracteriza a personagem, originada pelo fato de que não consegue articular coerentemente frases ou períodos lógicos.
- (E) o amor que a personagem nutre pela língua é decorrente da inferioridade social em que se encontra. Deseja o poder da palavra porque esta lhe trará a riqueza com que tanto sonha.

Essa questão, baseada no mesmo texto da precedente, solicita a resolução de um outro problema. Está envolvido aí, como ponto de partida, um pressuposto teórico, do domínio da teoria literária: trata-se do comportamento da linguagem. Dificilmente, no segundo grau, o aluno terá discutido e aplicado mais sistematicamente conceitos referentes a essa matéria. A alternativa correta implica habilidade para realizar uma inferência (análise e interpretação do texto, portanto), o que supõe a capacidade de perceber o conteúdo amplificado de uma situação específica e mais concreta que o excerto põe em evidência. Assim, lê-se na alternativa: "Fabiano não nutre desconfiança com relação à linguagem em si..."; e, no texto: "Mas eram bonitas (as palavras)". Releve-se o fato de que essa inferência é parcialmente dificultada pela razão de que as palavras assustam a personagem ("Sobresaltava-se escutando-as"); o candidato está obrigado, portanto, a entender corretamente o que o texto assenta: temer as palavras não exclui a possibilidade de amá-las (informação também contida na alterna

tiva correta: "percebe-se nele um amor respeitoso e encantado pelas palavras"). Chegamos, assim, ao que mais importa em termos de compreensão de outro problema, mais significativo, que VIDAS SECAS desvelam: a palavra é utilizada com má-fé, como forma de repressão e instrumento que escamoteia os mais fracos, como maneira de fazer com que estes chafurdem ainda mais na debilidade; a palavra fica, então, desvirtuada de seu emprego mais positivo, instrumento eficaz de comunicação, interação social e meio de ajustamento no mundo e de compreensão da realidade (conceitos que se vêem, implícitos no amor da personagem pela faculdade de bem falar). Atente-se, ainda uma vez, para a alternativa correta, que traduz sinteticamente o conjunto de propostas a que aludimos acima: "percebe-se nele um amor respeitoso . . . ações gravosas").

Em síntese, argui-se aqui sobre capacidade de teorizar problemas (extrapolação do nível denotativo do texto); mede-se a desenvoltura mental para compreender, analisar e interpretar a obra e a faculdade de resolver problemas da área da teoria literária.

3. *Maria Regina acompanhou a avô até o quarto, despediu-se e recolheu-se ao seu. Logo que ficou sô, Maria Regina sentou-se ao pé da cama, com as pernas estendidas, os pés cruzados, pensando.*

A verdade pede que diga que esta moça pensava amorosamente em dois homens ao mesmo tempo. Convenho que é abominável, mas não posso alterar a feição das coisas.

No texto acima, o narrador

- (A) é onisciente, porque tudo sabe com relação à ação e personagens, e é imparcial, já que se abstém de tomar partido pessoal na história.*
- * (B) é onisciente e parcial, porque tudo sabe com relação à ação e personagens, mas comenta a ação de forma pessoal.*
- (C) limita-se a descrever eventos que qualquer pessoa observadora seria igualmente capaz de reproduzir.*
- (D) descreve os eventos ligados às personagens, mas se abstém de narrar fatos.*
- (E) limita o ponto de vista de sua narrativa à primeira pessoa, assumindo o papel de personagem central do relato.*

A questão anterior ilustra como é possível, sem que o aluno tenha estudado as várias possibilidades teóricas do "ponto de vista" na narração, reconheça, atentando para o texto, a funcionalidade da posição que o narrador escolheu para contar sua história. Verifica-se, assim, não apenas a capacidade de compreensão de qual é o ponto de vista do narrador (onisciente, foco em primeira pessoa etc.) como também a de aplicação desse conhecimento. Veja-se a alternativa: "é onisciente e parcial". Onisciente é termo cujo significado vem explicado na própria alternativa: "porque tudo sabe com relação à ação e personagens...". Veja-se no texto: "Logo que ficou só, Maria Regina sentou-se ao pé da cama" etc. Voltemos à alternativa "parcial" porque "comenta a ação de forma pessoal". No texto: "Convenho que é ... das coisas". É possível medir, portanto, mesmo situações excepcionais do foco narrativo, como é o caso posto pelo texto (via de regra, o narrador onisciente é imparcial).

4. *Quero que a estrofe cristalina*

Dobrada ao jeito

Do ourives, saía da oficina

Sem um defeito.

O texto acima

- (A) *caracteriza-se pela quebra do ritmo e pela estrofe irregular, enquadrando-se na estética modernista.*
- (B) *é arcádico: o racionalismo do autor tende a sufocar qualquer excesso sentimental.*
- (C) *é marcadamente barroco, por causa das inversões sintáticas e do vocabulário incomum.*
- (D) *está filiado ao simbolismo, em função do cuidado do autor na escolha do léxico, que busca a criação de atmosferas transcendentes.*
- * (E) *põe em relevo uma das características mais marcantes do parnasianismo: a preocupação com a forma.*

Este item verifica conhecimento de história literária. O aluno que conhece bem as características do movimento estético a que o texto se refere, escolherá sem maior hesitação a alternativa E, já que a "preocupação com a forma" é lugar-comum associado ao parnasianismo.

Entretanto, o candidato que teve formação irregular, poderá chegar à mesma resposta se é suficientemente arguto para perceber, com base na compreensão e interpretação do texto "Que a estrofe cristalina (...) saia da oficina / Sem um defeito" (na alternativa: "O texto acima põe em relevo uma das características mais marcantes do parnasianismo: a "preocupação com a forma").

6. Conclusões.

Gostaríamos de colocar uma questão derradeira: o vestibular está voltado para verificar — reconfirmar, portanto — o aprendizado do curso secundário, ou pretende ele atender aos pré-requisitos exigidos pela universidade?

Mesmo que a universidade não explicita (como parece ser o caso da maioria das nossas instituições de ensino superior) em sua prática cotidiana, ela exige pré-requisitos sem os quais o educando dificilmente será bem sucedido nos cursos para os quais foi aceito.

Assim, o que se pretende, também com a prova de literatura brasileira, é a aproximação entre os dois lados acima referidos — conhecimento de nível secundário e solicitações universitárias. Busca-se indicar, por meio dos testes, o aluno que, ao menos potencialmente, revela capacidade de prosseguir estudos superiores; apontam-se aqueles que tenham um mínimo de pré-requisitos, de informação, de sensibilidade para manipular com inteligência o conhecimento de que dispõem. Se tiveram formação cultural estática, é necessário desvelar se têm capacidade virtual para dinamizá-la a partir dos estímulos que a universidade, se não o faz, deveria necessariamente desenvolver.

Reiteramos, então: o vestibular, pelo menos em literatura brasileira, busca estar atento às virtualidades, a destacar os estudantes que podem produzir mais. Se não forem solicitados a se empenhar o

suficiente, ter-se-á perdido um tempo precioso e irrecuperável. De qualquer maneira, estão se submetendo a vestibulares porque o curso de segundo grau já os dispensou. Que a universidade, posto isso, cumpra seu papel em dobro, e recupere, por meio de um ensino sempre mais eficiente, parte do tempo que eventualmente se dissipou de maneira inútil; isto é, que os cursos superiores ofereçam aquilo a que os alunos têm direito. Dessa forma, pretendemos, com esse exame, apontar esperanças, que se podem ou não ver realizadas. Felizmente nosso problema não é comparável àquelas lesões cerebrais irreversíveis. Tal ameaça, entretanto, pesa. E pode vir a ser uma lesão que se espalha, caso não seja corrigida. Cada professor formado é um multiplicador de coisas boas ou ruins. Não se pode perder de vista que um professor de literatura trabalha muito diretamente com problemas humanos — com todos os problemas humanos. E é agente viabilizador do desenvolvimento de um instrumental vigoroso com que o aluno pode vir a enfrentar aqueles problemas. Ou pode, o professor, ao contrário, espalhar uma visão mais abrangente do mundo e das coisas, transformando a criação literária em erudição livresca, em saber erudito mumificado.

Sem dúvida, a literatura pode induzir o ser humano à participação mais ativa, a um compromisso mais fundo com ele mesmo e com a existência. Ou pode, simplesmente, tornar-se uma fator a mais de alienação.

...the first of these is the fact that the ...

...the second of these is the fact that the ...

...the third of these is the fact that the ...

...the fourth of these is the fact that the ...

...the fifth of these is the fact that the ...

...the sixth of these is the fact that the ...

...the seventh of these is the fact that the ...

...the eighth of these is the fact that the ...

...the ninth of these is the fact that the ...

...the tenth of these is the fact that the ...

...the eleventh of these is the fact that the ...

...the twelfth of these is the fact that the ...

...the thirteenth of these is the fact that the ...

...the fourteenth of these is the fact that the ...

...the fifteenth of these is the fact that the ...

...the sixteenth of these is the fact that the ...

...the seventeenth of these is the fact that the ...

...the eighteenth of these is the fact that the ...

...the nineteenth of these is the fact that the ...

...the twentieth of these is the fact that the ...